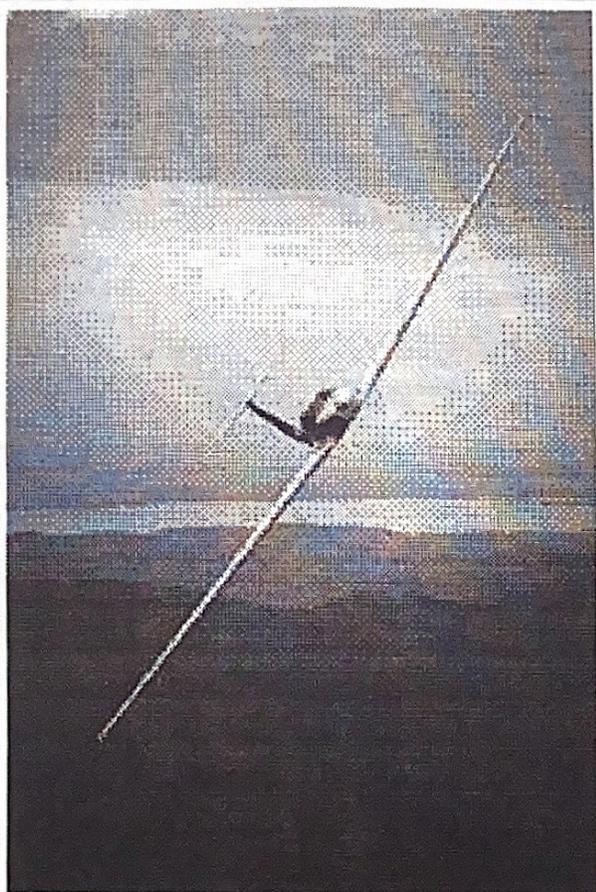


Motoplanador atravessa fumaça das queimadas



Divulgação/

Motoplanador já
atravessou a Amazônia

Campinas - As queimadas, que em terra trazem impactos negativos para o meio ambiente e saúde humana, para um planador em vôo costumam ser ótimas, porque formam fortes correntes ascendentes, que permitem alcançar altas altitudes e facilitam vôos mais longos. Mas elas também têm inconvenientes para o piloto, como a concentração de poluição. E foi precisamente o cheiro forte da fumaça, que impediu o aproveitamento das queimadas pelo piloto Gérard Moss, durante sua passagem pelo Brasil Central, na primeira volta ao mundo a bordo de um

motoplanador.

"Atravessei várias colunas de fogo. Daria para aproveitar das térmicas, mas o cheiro de fumaça é tão forte - especialmente depois de várias horas no ar limpo de altitude - que não agüentei", disse Moss, em entrevista à Agência Estado. "Passei rapidamente através de algumas colunas

apenas para registrar no sensor de ozônio".

Gérard Moss iniciou sua volta ao mundo em Sorocaba, interior de São Paulo, no último dia 23 e deve percorrer cerca de 50 mil quilômetros em 100 dias. Ele pilota o motoplanador Super Ximango, construído em Porto Alegre (RS), especialmente para a aventura, que tem também um lado científico, já que a aeronave leva sensores para medir concentrações de ozônio e de Poluentes Orgânicos Persistentes, os chamados POPs, entre os quais estão tóxicos muito perigosos, como as dioxinas e organoclorados.

Os dados sobre o ozônio complementarão uma série de amostras, que já vem sendo analisadas a partir de coletas realizadas em vôos comerciais, pelo astrofísico Ngan Andre Bui Van, do Instituto de Pesquisas Meteorológicas, da Universidade Estadual Paulista (Ipmet-Unesp-Bauru). Ele trabalha com o ozônio de baixa altitude ou o "ozônio ruim", resultado de reações entre poluentes provenientes da queima de combustíveis fósseis - em zonas industriais e grandes cidades - ou da queima de biomassa - como as queimadas agrícolas e incêndios florestais. Ao comparar as amostras coletadas em mais de 600 decolagens e aterrissagens de air bus, em todos os meses, entre 1996 e 1999, Bui Van observou um aumento sazonal na concentração de ozônio, de outubro a dezembro, tanto sobre a metrópole paulistana como sobre a zona canavieira, no interior do estado. As concentrações de ozônio, neste período chegam a ser 2 a 3 vezes maiores do que nos outros meses. Com as medidas tomadas durante o vôo do motoplanador, o pesquisador poderá comparar amostras coletadas em outras regiões do Brasil e do mundo.

"O sensor de ozônio pegou dados a partir de 20 metros acima das árvores, onde fiz rasantes, até 3 mil metros (10 mil pés) de altitude, o máximo que dá para atingir com a carga de bordo neste momento", conta Gérard Moss. "Entre Goiânia e Alta Floresta, a linha de transição (entre a camada poluída e a limpa) fica claramente definida a (7 mil pés) e à noite o cheiro de queimada aumentou significativamente".

O piloto também leva a bordo filtros especiais para medir a presença de POPs, que serão analisados por pesquisadores das Universidades de Lancaster e Cambridge, na Inglaterra.

E alguns dos resultados destes experimentos serão aproveitados pelo grupo paulista de educação ambiental, Gema, que trabalha com comunidades e escolas e colaborou na montagem do site de Moss.

Em seu primeiro dia, o motoplanador percorreu 780 km entre Sorocaba (SP) e Goiânia (GO), com um pequeno desvio sobre Bauru (SP), para coletar amostras de ozônio sobre a área do Ipmet. No dia 24, foi de Goiânia a Alta Floresta (MT), enfrentando várias colunas de fumaças das queimadas, concentradas naquela região. Dali seguiu, no dia 25, para Boa Vista, atravessando o rio Amazonas e fotografando a floresta. No dia 26, já saiu do território brasileiro, indo pousar em Ciudad Guayana, na Venezuela, e agora segue em direção à América Central e Caribe.

Liana John